

Documentação

História Local e História Oral*

Raphael Samuel **

RESUMO

O artigo apresenta o campo tradicional da História local, sua multiplicidade documental e seu enraizamento junto ao público que habita na área estudada. Destacando novas possibilidades temáticas e analíticas para a História local, o texto enfatiza a importância do apelo ao depoimento oral, discutido, como o local, em articulação com outros níveis de experiência e documentação.

ABSTRACT

Local History and Oral History
This article presents the traditional field of Local History, its variety of sources and its roots within the community. Pointing out new subjects and approaches for Local History. The article emphasizes the use of Oral testimony as much as the Local in relation to other sources and different degrees of experience.

A História local, apesar das tentativas de fazer que ela se alinhe com outras formas de prática de História, ainda está muito circunscrita a um grupo de entusiastas. Um mero rabisco pode acender a imaginação de um historiador – uma referência à morte de uma lactente ou uma nota marginal relacionada a um antigo cura local. Ele pode ainda ficar horrorizado com uma brutalidade casual revelada nos arquivos de uma casa de correção, ou com as “remoções” especificadas nos relatórios paroquiais, como aquelas reproduzidas por Reginald Hine, o historiador de Hitchin, em seu livro *Confessions of an Uncommon Attorney* (estes exemplos são de 1710):

“Para o alojamento e alimentação de uma mulher e para livrar-se dela,
1s 3d.

Pago para uma mulher grávida e duas crianças para saírem da cidade,
4d.

Pago a Mary Gregory para ir embora, tendo, suas crianças, varíola,
7s.”

Uma velha ferrovia ou cervejaria pode levá-lo ao caminho do comércio local, assim como uma velha enxada enferrujada pendurada no seu gancho, ou

* Tradução de Zena Winoma Eisenberg.

** Ruskin College, Oxford.

a descoberta, por acaso, de um "Day Book". Ele pode ficar animado com uma história de um jornal velho (ou com anúncios, investigações ou relatórios policiais), fascinado pelos vestígios dos romanos ou intrigado com a lenda de um incidente mal lembrado, que requer um contexto explicativo.

Ou ainda sua simpatia pode ter sido estimulada pela luta de seus antepassados, como foi o caso dos escritores metodistas do século XIX descrevendo as origens humildes da capela, e como é para o sindicalista, hoje, escrevendo sobre os tempos de Tolpuddle – ou a Greve Geral.

As fontes, uma vez que um projeto tenha se iniciado, são infinitamente variadas, incluindo tanto achados arqueológicos como restos literários, cultura material, manuscritos e arquivos, dialeto e fala ou a palavra impressa. Mas as fontes nunca são tão ilimitadas a ponto de o pesquisador perder-se nelas e boa parte de seu tempo será gasto em perseguir fatos fugidios, datando uma parede ou um prédio, mapeando o caminho do gado, completando uma árvore genealógica. A coleta, ao menos para o historiador dos tempos modernos, não é tanto a questão de separar o joio do trigo como a de ceifar a espiga solitária.

A História local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma idéia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. As categorias abstratas de classe social, ao invés de serem pressupostas, têm de ser traduzidas em diferenças ocupacionais e trajetórias de vidas individuais; o impacto da mudança tem de ser medido por suas conseqüências para certos domicílios. Os materiais básicos do processo histórico devem ser constituídos de quaisquer materiais que estejam à disposição no local ou a estrutura não se manterá.

O recém-chegado encontrará o caminho bem indicado por alguns sinais (uma pequena lista deles está anexada no fim deste artigo). Tate – ou o cura local – irá elucidar os mistérios da arca paroquial; Emmison – ou os funcionários do arquivo municipal – irá servir como guia para as listas da milícia, do imposto predial ou das sessões trimestrais. Na prefeitura, o escrevente do comitê principal irá usar suas chaves para abrir as salas do porão, apesar de isso exigir paciência e tato (no Borrow-in-Furness, o historiador da cidade conseguiu apenas recentemente ter acesso ao arquivo da corporação, depois de uma luta diplomática que durou vinte anos), enquanto na biblioteca local o pesquisador irá, com freqüência, achar uma coleção bem suprida e ricamente fichada de materiais impressos e coisas efêmeras, incluindo, talvez, os cadernos de anotações depositados pelos antecessores

antiquários e, em tempos mais recentes, os recortes de jornais arquivados pelos bibliotecários. (Em uma velha biblioteca central, tal como a de Birmingham ou a de Manchester, encontrar-se-ão necrologias dos notáveis locais de cem anos atrás.) Alfarrábios podem ajudar muito, também: muitos deles são especializados em livros sobre o local e, se um item desejado não se encontra na prateleira, eles podem anunciar nas revistas especializadas (o *Directory of Dealers in Secondhand and Antiquarian Books* é uma compra que vale a pena para aqueles que querem fazer sua própria procura).

A História local tem também a força popular, tanto como uma atividade quanto como uma forma literária. Os jornais municipais do século XIX dedicavam até meia página semanalmente para as notas de antiquários (a forma em série na qual muitas Histórias locais daquele tempo apareceram); hoje, a publicação de História local em jornal é mais rara, mas jornalistas locais – como o sempre útil “Anthony Wood” do *Oxford Mail* – estão freqüentemente famintos pelos itens que o pesquisador pode prover (o mesmo é verdade também para a rádio local), um panfleto de História local, qualquer que seja sua quantidade, é um garantido “best-seller” local (*Otmoor and its seven towns* tem vendido milhares de cópias no Blackwell desde que teve sua primeira edição em 1961, enquanto o *People's autobiography of Hackney* alcançou vendas acima de mil cópias por seus panfletos em questão de meses). As pessoas estão continuamente colocando para si mesmas questões relacionadas ao local onde moram e sobre como viveram seus antepassados.

Elas têm aguçado senso de herança, valorizando a iconografia – velhos contratos de aprendizagem ou cartões de dia dos namorados, medalhas de bronze por freqüência, livros de prêmio da escola dominical, cartões postais de férias – e, uma vez que sua curiosidade tenha sido estimulada, elas poderão ficar ansiosas por ajudar, remexendo nos velhos papéis para ver o que podem cavar, submetendo-se a questionários detalhados e oferecendo, voluntariamente, informações. Freqüentemente, o historiador local estará utilizando a reflexão acumulada sobre sua experiência de vida e não é acidental que tantas Histórias de vilas e paróquias tenham sido escritas por homens e mulheres ativamente engajados em eventos locais, desde clérigos e advogados no passado até ativistas de movimentos comunitários de hoje, como os autores de *Fly a Flag for Poplar*, ou os editores de *People's Autobiography of Hackney*. Sindicalistas veteranos, depois de uma vida de atividades, assumirão a História da Federação Sindical; professores aposentados irão falar sobre a escola local e juízes de paz e vereadores farão o relatório dos eventos municipais. O velho socialista faz de si mesmo uma biblioteca e um arquivo (os de Alf Mattison, agora divididos entre a biblioteca central de Leeds e a “Bartherton”, são a maior fonte de História

local); o andarilho inveterado, com um robusto par de botas, reconstrói a paisagem desaparecida; o *Women's Institute* (elas eram responsáveis por algumas das melhores Histórias locais dos anos entre-guerras) faz um inventário do lar.

Por que será, então, que tanta História local, embora escrita como um trabalho de amor, é tão repetitiva e sem vida? Por que, sob o microscópio do historiador, as federações sindicais, os internatos ou os negócios de família se parecem tanto? Por que as próprias localidades, quando reconstituídas ao longo dos anos, parecem tão intercambiáveis? Nas antigas Histórias paroquiais, havia um conjunto de tópicos bem batidos: o fazendeiro e seus parentes, a igreja e seus beneficiados, o senhor feudal e sua corte. Pode haver notas extensas sobre folclore e etimologia e, se o autor era um bom botânico, seria dedicado um capítulo (ou um apêndice) a “flora e fauna”. Católicos e “não-conformistas”, apesar de devidamente mencionados, constantemente, receberiam menos atenção do que a construção da igreja paroquial ou os escritos nos túmulos de famílias, enquanto a indústria e o comércio seriam freqüentemente relegados ao capítulo das miscelâneas no final. A revolução burguesa na História local – um evento mais propriamente do século XX do que do século XVII – mudou tudo aquilo e hoje é mais provável que se dê maior atenção às pessoas importantes no município do que aos vigários, aos manufatureiros filantrópicos do que aos cavaleiros e fazendeiros medievais. O transporte e a comunicação ocupam o capítulo antes concedido às plantas, as mudanças demográficas atraem maior atenção do que a genealogia, as tabelas de preços tomam o lugar das rendas e multas feudais. No entanto, as novas convenções, apesar de diferentes, podem limitar tanto quanto as velhas.

Uma dificuldade está na natureza dos documentos, que variam muito pouco de lugar para lugar e são bastante voltados para o governo local. Uma coleção de relatórios de um oficial da igreja – uma documentação muito comum para o historiador da paróquia do século XVIII e começo do século XIX – é muito parecida com outra e o mesmo pode ser dito sobre os diários escolares: pelo menos, desde a vinda das Juntas de educação, nos anos 1870, tanto a forma como o conteúdo das entradas foi rigorosamente padronizado. Os censos paroquiais, ou os manuscritos dos recenseadores, dizem-nos pouco sobre a vida de família além do tamanho do domicílio e, como os demógrafos de Cambridge têm tomado o cuidado de argumentar, isto mostra uma grande semelhança entre momentos distintos e, comparativamente, uma leve variação local. Os censos são uma fonte igualmente insatisfatória para a discussão de estrutura ocupacional, que freqüentemente se traduz em uma enumeração de ocupação. As Instituições Filantrópicas e à ajuda oficial aos pobres, é dado um espaço totalmente desproporcional, por nenhuma razão

melhor do que a comparativa abundância de sua documentação, e o mesmo pode ser dito, nas histórias de cidades do século XIX, do assunto do saneamento (*Trowbridge's Fight for Pure Water, 1864-1874*, é o título expressivo do Panfleto da Associação Histórica de West Wilts, e ele poderia encontrar capítulos comparáveis em vários outros trabalhos). Como resultado, uma História local tende a ser parecida com outra e, apesar de o historiador estar disposto a valorizar qualquer excentricidade que apareça no seu caminho (os pagamentos pelos oficiais da igreja para combater os ouriços, por exemplo, ou instruções inspiradas por mercantilistas para o sepultamento com mortalha de lã), as excentricidades, por si mesmas, são capazes de ser repetitivas, refletindo funções convencionais da sacristia ou formas padronizadas administrativas. Na História urbana, a tendência administrativa dos documentos é reforçada pela preocupação com “melhoramentos”, que oferecem ao escritor documentação e tema prontos. A vila de Wantage e a vila de Exeter, na época vitoriana, podem se parecer muito quando estudadas do ponto de vista de aumento da população, medidas de saúde pública ou difusão de escolas.

A tendência dos documentos “de família” – ao menos dos encontrados nos arquivos da cidade ou do município – é de limitar bastante, assim como os relatórios de bairros, diários de casa de trabalho ou do tesouro paroquial. O grande volume de documentos “de família” depositados num cartório é constituído de papéis de inventários, procurações e aquela massa de escrituras, testamentos e títulos de compra e venda que enchem páginas nos índices. Eles são, em sua maior parte, contratos entre proprietários e inquilinos, preservados por motivo de contabilidade, ou documentos legais resultantes de disputa. Como resultado, propriedade e negociações de propriedades ocupam um espaço desproporcional em muitas Histórias locais e há uma ênfase privilegiada em grandes propriedades. Na História de um subúrbio, por exemplo, provavelmente dominarão os construtores de estradas, de casas e loteadores apenas porque eles têm deixado evidências mais permanentes e sistemáticas de suas atividades do que qualquer outra pessoa. É mais fácil, por exemplo, reconstruir a História da construção do Belsize Park, como F.M.L. Thompson tem feito em seu muito apreciado *History of Hampstead*, do que dar conta satisfatoriamente de aspectos mais difíceis da vida local, como a seção do Partido Comunista de Adelaide, as peças de xadrez no Prompt Comer ou as filas de motoristas de ônibus no *South End Green*; a criação do *Swiss Cottage* merece um capítulo interessante por si, mas não há uma palavra sobre a vida no berçário nos anos noventa (apesar das memórias esplendidamente detalhadas de Eleonor Farjeon, que devem ter-lhe servido como ponto de partida), nenhuma pista sobre o que ocorreu naquelas salas de estar gigantescas nos dias anteriores

aos de os refugiados alemães e estudantes indianos – a inteligência paupérrima dos anos 30 e 40 – tomarem-nas dos burgueses. Testamentos e escrituras – material do dia-a-dia do historiador local – podem render muita informação sobre economia e, usados com imaginação, como Hoskins tem mostrado pelos inventários do século XVI, eles constituem um indicador sensível para a posse de ações e artigos domésticos. Mas há limites. Documentos de grandes propriedades podem ter muitas informações sobre contratos de inquilinato, embora tendo pouco ou nada a dizer sobre atividades agropecuárias; escrituras, apesar de todos os seus detalhes, podem dizer-nos muito pouco sobre o aproveitamento – o modo como prédios ou fazendas eram usados. Documentos de empresas podem ser até mais difíceis de render informações úteis. Eles nos dizem mais sobre o comércio de mercadorias do que sobre as pessoas que as fizeram (ou as venderam), mais sobre salários do que trabalho (mesmo folhas de pagamento são relativamente raras); livros-razão e diários fazem com que fique relativamente fácil escrever sobre crescimento e consolidação, enquanto não dá nenhuma indicação das tendências fissiparas trabalhando no sentido oposto, por exemplo: rivalidades familiares, diretores intrigantes ou sócios que se viciaram em bebida. Como resultado, a atividade econômica é freqüentemente vista pela ótica do fiscal e do inspetor – ou, para os tempos mais recentes, do contador – em vez da ótica do trabalhador e do empresário.

Nos últimos anos, historiadores locais têm invocado evidências visuais, numa tentativa de tornar mais compreensível o particular, transmitir uma noção do local mais imediata. Uma preocupação dominante tem sido a construção da paisagem e a análise da localização das indústrias, da moradia e do comércio. A dificuldade com este tipo de trabalho está no fato de ele ser quase recompensador demais, fazendo com que a atenção do historiador seja desviada das pessoas para o local. Na cidade, toda pedra pode contar uma história, enquanto no campo, há o abundante testemunho das cercas vivas e campos. Velhos lugares podem ser identificados, sistemas de campos mapeados, traçados de ruas desenhados numa grade. Além disso, quase todo tipo de documento local pode revelar informação topográfica de algum tipo, mesmo que seja inútil para qualquer outra coisa. O material, em suma, é abundante e o anotador compulsivo (como o presente escritor pode confirmar) irá logo encontrar seus fichários cheios e seus cadernos preenchidos. O material também fornece ao escritor um tema unificador. A vida comunitária pode estar intimamente relacionada às peculiaridades físicas do meio ambiente e freqüentemente explicada por elas; sua História pode ser exposta em fases de crescimento bem organizadas, desde os fatores geográficos, afetando as condições originais de povoamento, até as forças centrífugas de hoje; continuidades estruturais podem ser enfatizadas,

enquanto, ao mesmo tempo, se reconhece o desenvolvimento e a mudança. Apesar da acumulação de detalhes, no entanto, é possível que o povo permaneça escondido. As formas no solo, como numa fotografia aérea, aparecem com claridade brilhante – ruínas célticas, aterros romanos ou as linhas espalhadas da fazenda moderna. Sulco e valas (o traçado do arado da Idade Média) sobressaem em relevo claro, casas podem ser identificadas pelos telhados; os habitantes, por outro lado, pela natureza panorâmica do ponto de observação ou a ausência de material comparativo, devem permanecer relativamente invisíveis. O mesmo é ainda mais verdadeiro para outras perspectivas empolgantes, como a arqueologia industrial, que fez contribuição tão frutífera para a História local nos últimos anos. O local de trabalho é carinhosamente reconstruído mas os próprios trabalhadores podem permanecer como meras sombras, diminuídos pelo ambiente físico.

Os estudos pilotos dos demógrafos – outra grande e recente influência na História local – oferecem uma visão ainda mais panorâmica. Eles abriram novas áreas de pesquisa e aterrissaram numa área que era previamente inexplorada, mas os levantamentos de amostras, até agora publicados, sugerem uma paisagem deserta, habitada por variáveis estatísticas e pedras sociológicas. Como com os topógrafos e os arqueólogos industriais, o trabalho dos demógrafos é uma tentativa de compensar o silêncio dos relatórios e recuperar a textura da vida no passado. Mas a forma e o tamanho do domicílio e as categorias com que lidam ficam distantes da realidade social que eles devem iluminar: o vaivém das relações pessoais, a ida e volta do dia-a-dia. A documentação na qual se baseiam, por necessidade ou por escolha (os registros paroquiais e os retornos dos recenseadores), impede o encontro que procuram. Ao invés de vida em família, dão-nos listas elaboradas de nascimentos, casamentos e mortes. O material estatístico monopoliza antes a atenção do historiador e oferece a ele, simultaneamente, um material de pesquisa e uma problemática, não só o andaime mas os tijolos e a argamassa também. Como no caso dos relatórios do governo local, o peso bruto do material (e a preponderância de uma fonte única) é capaz de se impor. Quando a “estrutura social” (o termo do demógrafo para as divisões de classes) é derivada destes documentos, a construção está sujeita a ser tanto estática como irreal. Ao invés do mundo de relações econômicas reais – patrões e clientes, proprietários e inquilinos, compradores e vendedores, exploradores e explorados, empresários e empregados –, oferecem-nos agregados estatísticos.

Até o ponto que atinge os demógrafos historiadores – os pioneiros neste campo –, tais apreensões estão fora de questão. O esforço deles é declaradamente comparativo. Eles estão interessados na estrutura, não nos eventos, nas estratificações mais do que nas relações, nas variáveis

quantificáveis que podem ser assimiladas na análise comparativa de cultura. Seus “estudos de caso” estão moldados numa forma local, mas, mesmo que o objeto aparente seja uma vila ou um lugarejo, o sentido do lugar é evitado, deliberadamente. O York de Alan Armstrong, por exemplo (*Stability and Change in an English County Town, a social study of York, 1801-1851*), dedica umas 30 páginas para “características econômicas” e mais ou menos o mesmo para “características sociais” e então chega ao verdadeiro objeto do estudo: “O crescimento da população”, “Mortalidade”, “Casamento e fertilidade”, “Domicílio e a estrutura familiar”. Não é acidental que os censos, que constituem o seu material principal, apareçam no próprio título do seu livro ou que a “mortalidade” deva ser o assunto de um dos capítulos mais longos. Seus objetivos estão francamente expostos no início:

“Este estudo pode ser considerado como um exemplo, embora imperfeito, tanto da nova História social como da nova História urbana... eu tenho evitado descrições da “temporada” provincial das atividades esportivas e culturais, exemplos coloridos e esquisitos de costumes, hábitos e eventos sociais etc. As esferas da política e ideologia local, apesar de importantes, têm sido deixadas para os outros... no lugar, há uma grande ênfase em estrutura social e tendências demográficas.”

O estudo de Michael Anderson sobre Preston na época vitoriana (*Family Structure in Nineteenth Century Lancashire*) é igualmente severo. Em toda a sua discussão elaborada sobre domicílio e subdivisão de acordo com números e composição, há pouca menção nominal a famílias individuais de Preston ou a casos individuais para ilustrar os ciclos de vida e as correlações tão seguramente elaboradas. O que ele diz pode ser verdade mas não temos nenhuma comprovação autônoma: o mundo é totalmente fechado pelas construções do autor. Domicílios com criados são privilegiados para análise, como uma classe, mas raramente há uma referência aos donos de moinhos de grão (nem Horrocks, o grande magnata do algodão, nem a Associação dos Mestres de 1853-54 sequer são mencionados). Faz-se referências aos irlandeses como componentes da população trabalhadora mas não às suas ruas, aos seus ataques à polícia (os anais do tribunal local em Preston têm um caso especialmente impressionante) ou a tão interessantes e importantes personagens como Micky Gallaher, um dos líderes da greve em 1853-54 e, nos seus últimos anos, um militante local dos irlandeses protestantes. Menciona-se muito poucas ruas nominalmente: não há “Orchard” para as reuniões de greve, nem “Fishergate” para os desfiles de rua. Não há referência nem à campanha contra o alcoolismo (um movimento nacional fundado pelos Sete Homens de Preston nos anos 1830), nem ao Cartismo, ao movimento sindical

(apesar da existência de um relato contemporâneo excelente dos fiandeiros pelo seu secretário, Thomas Banks); ao Orador Hunt, o qual foi, por um tempo, o representante parlamentar da cidade. O mais estranho de tudo, num estudo cujo enfoque é o meado do século, é que não consta palavra alguma sobre a grande greve em Preston de 1853-4. Esta greve foi o tema do romance sensacionalista mas memorável de Dickens, *Hard Times* (Dickens viajou para testemunhar a greve antes de escrever o romance) e, provavelmente, o evento industrial mais importante no século XIX em Lancashire, um ponto terminal para três décadas de luta quase insurrecional. Nem se faz uso algum – apesar das informações que traz sobre a vida doméstica – da boa coleção de material sobre a greve abrigada na biblioteca Harris ou no Arquivo Municipal, ambos convenientemente localizados no centro da cidade. As omissões impressionam ainda mais porque o livro é muito bem pesquisado; elas são o resultado não do esquecimento mas, como nas omissões cuidadosas de Alan Armstrong sobre York, do projeto do livro.

Uma dificuldade final diz respeito à própria noção de História local: a idéia do local como uma entidade distinta e separada, que pode ser estudada como um conjunto cultural. Nas Histórias antiquárias mais velhas, quase tudo que aconteceu num local podia ser tratado como significativo, não importando sua importância intrínseca ou local, num esquema evolucionário. Greves e tumultos misturaram-se indiscriminadamente com “acontecimentos notáveis”, como enchentes; o tronco da vila pode ser intercalado num parágrafo entre latões monumentais e uma descrição de estalagens locais. Uns documentos seriam fielmente transcritos e carinhosamente reproduzidos simplesmente porque eles eram velhos – “as palavras verdadeiras escritas na época” –, e muito da criatividade do historiador poderia ser focalizada nas superfluidades engraçadas. Crônicas mescladas deste tipo têm sempre agradado muito e, provavelmente, não desaparecerão: não importa que várias críticas severas sejam dirigidas contra elas (*Tis a Mad World at Hogsdon*, que vendeu umas 2.000 cópias nos arredores de Shorditch, East London, desde sua primeira publicação em 1974, é um exemplo recente, representativo). Mas o historiador local, hoje, seguindo o trilho aberto por Hoskins, Finberg e a escola de Leicester, é, caracteristicamente, mais seletivo. No lugar do pitoresco, esses historiadores procuram mais as regularidades. A preocupação com o local é tão intensa quanto era no passado mas, para aqueles que seguem a escola de Leicester, o foco de atenção está mais provavelmente nos padrões de desenvolvimento do que nos documentos e acontecimentos individuais. A localidade é vista como um fenômeno único, com sua própria periodização e leis de crescimento: um organismo vivo com seu próprio ciclo de vida, que pode ser estudado

continuamente por longos períodos de tempo, tanto em termos de estrutura ocupacional como de peculiaridades topográficas. O trabalho do historiador local, como Finberg escreveu em 1953, num trecho muito citado, "... é para recriar em sua própria mente, e para retratar para seus leitores, a Origem, o Crescimento, o Declínio e a Queda da comunidade local". A noção de comunidade, como no trecho citado, é invocada freqüentemente – "um grupo de pessoas unidas por certos interesses comuns", "uma sociedade verdadeira de homens, mulheres e crianças, reunidas num lugar" – e todo o impulso da História local nos últimos anos tem ido na direção de identificar tipos de comunidade.

Nenhum apreciador da História inglesa pode deixar de sentir-se estimulado por um ou outro aspecto desse trabalho ou de reconhecer os avanços principais no estudo e na compreensão que dele resultaram, mas é possível preocupar-se com alguns de seus pressupostos, mesmo quando se saúda e se agradece pelos resultados. Especificamente, a noção de "comunidade", apesar de usada livremente, é, ou deverá ser, problemática. Na história urbana, é pouco mais do que uma ficção conveniente, que só pode ser preservada ao concentrar-se nos eventos cívicos e municipais. Na zona rural, ela freqüentemente leva uma suposição não justificada de equilíbrio que talvez o historiador deva questionar, ao invés de afirmar: é possível morar no mesmo lugar enquanto se habita mundos diferentes, seja como marido e mulher, pai e filho, empresário e empregado. A empregada e o carpinteiro, mesmo quando eventualmente se casam, terão sido modelados por experiências de trabalho fundamentalmente diferentes e terão ideologias fortemente contrastantes: uma terá conhecido apenas o amparo protetor da casa grande, enquanto o outro, apesar de qualificado, terá seguido uma vida nômade de empreitadas, rodeado de inseguranças (numa vila do campo, por exemplo, será perseguido quando sua militância sindical tornar-se conhecida); uma dependeria de uma recomendação pessoal na hora de trocar de emprego; o outro apoiar-se-ia no boato informal dos trabalhadores nas construções civis. Mesmo no casamento, sua visão do mundo, modelada por experiências tão diferentes, não seria de modo algum a mesma.

Ao invés de pressupor a existência do equilíbrio, seria melhor se os historiadores explorassem alguns de seus determinantes e distinguissem interesses que eram conflitantes daqueles que, de alguma forma, foram compartilhados. O trabalho recente da escola de Leicester tem mostrado que as divisões religiosas podem ser tratadas desta forma, como faz Margaret Spufford em seu livro *Contrasting Communities* – uma reconstrução bem detalhada e pensada da vida em três vilas de Cambridgeshire dos séculos XVI e XVII. Estas divisões religiosas iluminam a classe e a economia, assim como nos aproximam da mentalidade e da consciência da época – e das

maneiras como as pessoas pensavam, sentiam e se agrupavam. Ou, ainda, ao invés de considerar a localidade por si mesma como objeto de pesquisa, o historiador poderá escolher como ponto de partida algum elemento da vida que seja, por si só, limitado tanto em tempo como em espaço mas usado como uma janela para o mundo. Isto é o que, numa escala modesta, Ruth Hapgood fez com seu estudo sobre o trabalho da mulher em Abingdon entre as guerras, que foi apresentado no último *History Workshop*, e Graham Rawlings fez com sua descrição das três classes trabalhadoras nos anos 1930 em Bath: estudos como este podem transmitir uma melhor impressão da individualidade da vila do que livros muito mais pesados, baseados em documentos do bairro. Seria bom tentar isto para a Londres do século XIX. Um estudo sobre comércio dominical em Bethnal Green, inclusive a resistência apresentada pelos pregadores ao ar livre (na época dos censos religiosos de 1851, apenas 3% da população local freqüentava uma igreja); sobre a marcenaria em Hackney do Sul, ou os arrombadores de Hoxton (de acordo com um dos investigadores de Booth nos anos 1890, alguns deles eram artesãos qualificados, nem brutos, nem pobres, mas como ele os chamou, "criminosos", que saíam arrombando cofres como uma recreação noturna), daria uma impressão melhor da pulsação da vida cotidiana no East End do que mais um resumo do *Sanitary Ramblings*, de Hector Gavin, *Horrible London*, de G.R. Sims, ou *Low Life Deeps*, de James Greenwood...

O namoro e o casamento em Sheperd's Bush, a vida doméstica em Acton, ou o Catolicismo Romano entre as lavadeiras e os distribuidores de gás de Kensal Green podem informar mais sobre o crescimento dos subúrbios do que contar o aumento de ruas e o mesmo pode ser dito, nas periferias de Londres, da venda de hortifrutigranjeiros em Barking, dos barqueiros em Brentford, dos ciganos em Wandsworth, da safra ou do preparo de feno em Tottenham Hale. O estudo da estrutura social, também, pode ser mais íntimo e real se a metodologia for mais indireta e focalizada na atividade e nas relações sociais. Um estudo sobre infância em Chelsea (sobre com quem você poderia ou não brincar, ou aonde você poderia ir), masculinidade em Mitcham, o caminho ao trabalho em Putney ou a política local em Finsbury informaria muito mais sobre a forma como diferenças de classes eram manipuladas e percebidas e as alianças sociais realizadas, na prática, mesmo se nenhuma palavra fosse dita explicitamente sobre a estrutura social. O pequeno estudo de Gwyn Willians sobre a política de Merthyr nos anos 1830, no qual ele mostra como um quadro de negociantes unitários radicais transformou o caráter político da cidade, aproxima-nos mais das ambigüidades do sentimento de classe do que uma metodologia

mais convencional usando as cinco divisões do *Registrar General* como parâmetros.

Ao usar um tipo diferente de relatório – assim como os depoimentos analisados por David Vaisey num artigo nesta revista* – ou com a ajuda da memória (ou ambos), o historiador pode desenhar novos mapas, nos quais as pessoas estão tão proeminentes quanto os lugares e os dois estão mais intimamente entrelaçados. Ele pode, então, explorar a topografia moral da vila ou cidade com a mesma precisão que os predecessores têm feito o Ordnance Survey, seguindo os regos e sulcos do ambiente social tão bem quanto os limites paroquiais, viajando pelos corredores escuros e pelas passagens meio escondidas, assim como pela rua das posturas municipais. Reconstruindo o itinerário de uma criança há 7 anos, o historiador irá deslizar nos limites invisíveis que separam o lado “barra-pesada” de uma rua do lado respeitável, as casas de frente das casas de trás, o espaço dos meninos do espaço das meninas. Seguindo o traçado do pavimento, você virá a uma parte que foi usada para “o jogo de trolley” outra para “amarelinha” e uma terceira para “Jump Jimmy Knacker” ou jogos de parede. “Monkey Racks” (tal como o que foi descrito por Derek Thompson no Preston entre-guerras) aparece na Rua Alta, onde jovens iam namorar nos seus passeios de domingo, enquanto a rua sem saída torna-se um lugar onde lenhadores têm seus abrigos e vendedores ambulantes arrumam seus carrinhos de mão. O ambiente físico irá avivar-se também, se visto mais como uma arena de atividades do que como uma força ecológica impessoal ou um depósito de restos arqueológicos. Campos específicos, florestas ou terras comuns são lembrados por seu uso, pelo trabalho realizado neles, ou os gêneros encontrados aqui: cogumelos e lenha ou coelhos podiam ser capturados; em outra parte, batatas eram colhidas ou cavalos pastavam ilegalmente ou os longos dias de verão eram gastos em preparar feno ou no trabalho da colheita. A evidência oral torna possível escapar de algumas das falhas dos documentos, pelo menos até onde interessa aos termos recentes (i. e., aqueles que são da memória viva), e o testemunho que traz é pelo menos tão importante quanto o das cercas vivas e campos, embora um não deva excluir o outro. Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar. Documentos não podem responder; nem, depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes, o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepâncias aparentes na documentação que sobrevive. A evidência oral, por outro lado, é infundável, somente limitada pelo número de sobreviventes, pela ingenuidade das perguntas do historiador e pela sua paciência e tato. É surpreendente com

quanta má-vontade os historiadores locais têm usado a evidência oral. exceto num papel secundário. W.G. Hoskins, o decano da História local inglesa, escrevendo em 1972, avisou que, embora não se deva descartar totalmente, a evidência oral tinha de ser submetida a verificações rigorosas e ele a estima claramente como inferior, assim como diferente, em tipo, ao material manuscrito e aos vestígios. Ainda há certos tipos de pesquisa que apenas podem ser realizados com a ajuda de uma testemunha viva e áreas completas da vida nas quais suas credenciais estão acima de questionamento. Um homem ou uma mulher, falando sobre seu trabalho, sabe mais sobre ele do que o pesquisador mais diligente tem condições de descobrir e o mesmo também procede para a infância, onde as memórias das pessoas estão aptas a ser especialmente acuradas se o historiador puder achar a chave certa para destravá-las. A evidência oral pode também ser crucial para a compreensão do pano de fundo. Ela pode nos dar contextos novos que os documentos, por si mesmos, apesar de muito trabalhados, não fornecem. As esparsas anotações num diário, por exemplo, podem adquirir novo sentido se somos capazes, com outras fontes, de reconstruir o caráter do escrevente ou das circunstâncias às quais as anotações se referem. Os hieróglifos obscuros da folha de pagamento tornam-se compreensíveis pela ótica das subdivisões e classificação do trabalho, como pode ser descrito por aqueles que estavam envolvidos; o livro de medidas, pela ótica do trabalho por tarefa, a tabela de preços na memória daqueles que a pechincharam. Fontes como estas somente podem adquirir vida quando há pessoas para explicar, para comentar e elaborar sobre elas, quando há outros tipos de informação que se comparam com elas e um contexto de costumes e práticas no qual eles podem ser postos. A evidência oral pode também ajudar a trazer os resíduos da cultura material. A vara de cobre ou o rodo "dolly" deixam de ser objetos inanimados se alguém ouve os homens ou as mulheres que os utilizaram, o fogaréu do barriqueiro acende-se novamente, as facas pretas enferrujadas são limpas com "Bath Brick" ou areia de casa, o avental velho e sujo é usado novamente para a escola dominical, engomado de branco.

Tanto como aproveitar mais da documentação existente, um projeto de História oral pode também acrescentar itens a ela e criar uma documentação totalmente nova e própria. Há, em primeiro lugar, os relatórios e suas transcrições, cujo valor deve ainda estar despercebido; eles serão (se arquivados com segurança) arquivos para o futuro, assim como responderão à finalidade específica do trabalho. Além disso, existem as autobiografias que um projeto de História oral pode encorajar, como *Bolton Childhood* de Alice Foley (um bom e severo relato sobre a infância em Lancashire nos primeiros anos de 1900), ou aquelas que têm sido publicadas com *The People's Autobiography of Hackney* (um dos autores de Hackney, depois de

escrever sua autobiografia, agora está produzindo uma reconstrução de 120.000 palavras sobre sua família). Outras podem aparecer no decorrer da pesquisa, preservadas como legado familiar – a pequena história que um metodista pode escrever sobre sua capela ou o lojista sobre sua loja, o “breve relato” que um avô, nos últimos anos de sua vida, deixará para seus descendentes, procurando as origens da família ou relatando os tempos que viveu (até agora, não encontrei nenhum de uma avó). Depois, há os papéis de família, preservados para os arquivos, mas em sua maior parte guardados ou esquecidos na privacidade da casa e que, abaixo do nível dos grandes proprietários de terras e da alta burguesia, escapam das investigações da Comissão de Manuscritos Históricos ou do Registro Nacional de Arquivos. Cartas de família são particularmente preciosas, apesar de serem muito mais difíceis de achar do que as mais decorativas efemeridades, como cartões de São Valentino ou contratos de aprendizado. O projeto da região carbonífera de Gales as tem coletado junto com atas de lojas fraternais, bibliotecas de mineiros e gravações em fitas individuais. Algumas destas cartas são de recém-chegados à região carbonífera nos anos 1900 que escreveram para casa e elas dão uma visão valiosa do processo de migração, que dificilmente podemos conseguir de alguma outra forma. Documentos como estes só aparecem no caminho do historiador se ele procura pelos mesmos. O mesmo é verdade para os diários. Em qualquer localidade, parece existir muitos deles esperando para serem recolhidos e o historiador apenas os descobrirá por acaso, no decorrer de visitas a residências locais. A recuperação de velhas fotografias é outro possível subproduto de um projeto de História local e, se feita com objetividade, é possível encontrá-las em grande número (o segundo *Hackney Camera* é uma seleção de 280 negativos em vidro descobertos num porão). Elas serão úteis, de qualquer forma, como ilustrações, evocando o passado para aqueles que nunca o viram e estimulando novas memórias naqueles que lá estiveram. Algumas vezes, também, elas irão suprir novas informações ou confirmações independentes. No máximo, elas fornecerão ao historiador um ponto de partida, expondo uma realidade que é, então, sua tarefa explicar. Finalmente, embora mais raramente, existem as coleções particulares – recortes, folhetos, posters, diários – daqueles que se fizeram arquivistas não-oficiais das atividades locais e dos eventos. Os melhores documentos locais, em poucas palavras, serão freqüentemente encontrados não na biblioteca ou no arquivo, mas nas casas.

A evidência oral torna possível não apenas o preenchimento de vazios mas também a redefinição de o que se trata na História local. Ao invés de permitir que os documentos estruturem o trabalho – ou que filtrem categorias de lei, contabilidade ou governo local –, o historiador pode fazer com que a pedra de toque se torne a experiência real da vida das pessoas,

tanto no meio doméstico como no trabalho. Ele pode lidar com os problemas comuns não relatados do dia-a-dia, assim como com catástrofes melhor documentadas (enchentes, guerras de famílias), suicídios e assassinatos, namoro e casamento, bastardia, práticas de trabalho, greves. Ele pode tomar o pulso da vida cotidiana assim como registrar os tremores mais raros dos grandes eventos, acompanhar o ciclo das estações, mapear as rotinas semanais.

Entrevistas e reminiscências podem também capacitar o historiador e dar identidade e caráter às pessoas que, normalmente, permaneceriam como meros nomes numa lista de rua ou registro paroquial, e restaurar algo da importância original daqueles que não deixaram nenhum relato escrito de suas vidas. Alguns deles emergirão no decorrer da reconstituição familiar, se o historiador parar para traçar um perfil de cada nome de parentesco, começando dos avós e seus filhos e assim progressivamente. Outros surgirão no decorrer da lembrança pessoal, ou de histórias de incidentes e eventos. Nomes selecionados dos jornais da época podem ser usados como fonte de questionamento e lembrete. Ou ainda, mais sistematicamente, é possível, com ajuda de uma listagem ou um registro eleitoral, tentar uma reconstrução viva, casa por casa e loja por loja, de ruas há muito desaparecidas. Em alguns casos, uma corrente de testemunhas vivas pode ser usada para iluminar uma só pessoa – a mulher da vizinhança, que era chamada quando pessoas estavam doentes, havia um bebê para nascer, um corpo para velar ou um enterro para preparar, o usurário da rua de trás, que era chamado para empréstimos semanais ou sazonais; o homem com o cavalo e carroça, ou carrinho de mão, que ajudou nas fugas noturnas. Isto é o que a Hackney Workers Educational Association tem feito no *The Three-penny Doctor*, seu retrato composto do Dr. Jelley, um médico que foi expulso por praticar o aborto e que trabalhou no local entre 1910 e 1930: no espaço de trinta e tantas páginas, ele conta mais sobre medicina popular e os métodos pelos quais a doença foi tratada em casa, do que os volumes de relatórios do *Medical Officer of Health*. Biografias como estas não farão apenas com que o relatório do historiador fique mais agradável, mas também irão criar um banco de dados que dificilmente poderia ser criado de qualquer outra forma e, no decorrer da realização destas biografias, o historiador descobrirá todo tipo de rede de relações sociais, escondidos da História dependente de documentos mas que, de qualquer forma, tinham um papel crítico na vida da vizinhança. O historiador pode retirar os quadros das pessoas ilustres e, ainda assim, sua galeria ficará bem cheia.

A evidência oral proporciona uma apreciação muito mais realista da empresa capitalista do que se o historiador se utiliza apenas da documentação da firma. O lojista sai das colunas de seu livro-razão para tornar-se um

homem ocupado, agressivo, notório por sua avareza; o coletor de aluguéis vem numa segunda-feira de manhã, de camisa social e com chapéu duro de palha, apenas para ser informado de que a mãe saiu; o mestre impressor também faz negócios com cortiços, tem investimentos numa taberna, divide seu armazém com um vendedor de móveis. Um inquérito sobre os costumes e a prática torna possível descobrir o que aconteceu nos escritórios, assim como o que foi reproduzido nos livros, sentar-se junto ao pequeno artesão na sua banca e viajar com o comerciante; no caso de pequenas fazendas, como David Jenkins mostrou no seu estudo sobre Cardiganshire dos anos 1900, é possível corrigir o desequilíbrio nos documentos, com seus vieses a favor das grandes fazendas e das propriedades rurais, e recuperar alguns dos elementos que nos faltam da vida camponesa no passado. Relações de classe podem ser examinadas no local da sua produção melhor do que seu eco distante, superficialmente gravado, se for o caso, nos Anais da Confederação Sindical ou na documentação sobrevivente do sindicato local. O lugar de trabalho, em vez de ser meramente descrito como uma fábrica, pode ser considerado como uma arena social.

A noção de trabalho, também, pode ser complicada e refinada. No lugar de meramente listar ocupações – ou escalá-las de acordo com noções sociológicas de prestígio –, o historiador pode descobrir o que elas realmente significaram. O trabalhador, aquele título genérico preferido pelos recenseadores, acaba, em vários casos, não tendo sido um trabalhador, mas um homem com um trabalho específico – um auxiliar no estaleiro, um homem que trabalhou com guindaste, nas docas, um bom cavador ou limpador de poços no campo, um carregador ou um trabalhador independente em escavação; por outro lado, o artesão, quando alguém indaga sobre a série de seus empregos, parece estar sempre atravessando os limites das ocupações, não obstante o seu aprendizado numa delas; o homem que trabalha a pedra, quando desempregado faz móveis ou cornijas de lareira, o pedreiro cava poços e o marceneiro vende chá. O processo de trabalho, por si só, é algo que, com a ajuda de evidência oral, pode ser reconstruído com grande precisão – como George Ewart Evans mostrou para os trabalhadores de arado, de preparação de feno e da colheita em *East Anglia*. As lembranças de trabalho das pessoas, como as da sua infância, são muitas vezes excepcionalmente vivas e extensivas a incidentes, acontecimentos e histórias, que dão noção preciosa do local de trabalho, como um contexto total e ambiente cultural – as ambigüidades do feitor e as dificuldades encontradas pela autoridade, a natureza do processo de aprendizagem, a subdivisão das diferentes classes de trabalho, a balança desigual do poder entre empresário e empregado. *Working Lives*, a coletânea de autobiografias de trabalho de Hackney Workers Educational Association publicada recentemente, é

exemplo mais atual da compreensão que a evidência oral pode ocasionar. Aqui está, por exemplo, um extrato do relatório do Sr. Welch, um homem que trabalhava na demolição nos anos 1920, quando o trabalho era “todo feito à mão”, que lança um raio de luz sobre o que era, então, ainda mais do que é hoje, uma profissão muito perigosa. Ele nos conta algo não somente da qualidade mortal do próprio trabalho, do modo como as pessoas se fortificavam contra os perigos e os mecanismos psíquicos empregados para lidar com acidentes, tanto quando eles aconteceram como depois de acontecerem, nas estórias onde, de acordo com o estilo de Londres, a tragédia é encenada para provocar risos.

“Era um trabalho perigoso. Você sempre ouvia falar de acidentes com outros homens no trabalho. Se você tivesse estado neste serviço mais tempo, você teria conhecido a maior parte dos demolidores na área de Londres, incluindo pessoas com nomes como “Nariz de Bota” e “Dor na Vesícula”. O próprio “Nariz de Bota” foi morto na rua de Cannon, quando uma viga de ferro fundido caiu em cima dele. Na obra de Peter Robinson, uma cara caiu do muro da frente. Seu nome era Arthur Lovell. Enquanto caía do muro, ele bateu no ventilador, bateu no trilho e “quicou”... até a rua. Para qualquer homem normal, aquilo devia ser a morte. Colocaram-no numa cadeira de rodas por uns 2 anos e meio e ele recebeu uma gratificação de £ 250. Isso acabou com sua vida e foi tudo o que recebeu. Ele gastou o dinheiro comprando o negócio de um verdureiro. Não se saiu muito bem com o negócio; com ele estando deste jeito, sua esposa tinha de fazer todo o serviço. No fim, teve de vender o negócio. Não foi uma vida feliz e eu soube que ele morreu alguns anos depois. Meu pai caiu várias vezes. Uma vez, caiu quando tinha estado no mercado de Covent Garden, onde os bares abrem cedo. Sendo um bom bebedor, ele esteve no bar e tomou seu drinque matinal de sempre. Ele sempre fez isto para animar-se a trabalhar. Mas neste dia, ele estava tão bêbado que, quando chegou lá em cima (o feitor tinha lhe mandado derrubar uma parte da chaminé):

“Eu não sabia qual era qual”, ele nos disse, depois. “Deveria haver seis furos, mas havia dezoito deles”.

Ele caiu lá embaixo, onde já havia um monte de entulho (nós estávamos demolindo um cortiço), senão, teria sido seu fim. Ele rolou até uma clareira e o feitor chegou para ver se ainda respirava, no momento em que ele ficou de pé.

“Você está bem, Jim?”

“Ai, minhas costas!”

Então o feitor disse a um outro cara:

“Leve-o ao Hospital de Middlesex. Veja o que aconteceu. Se ele não estiver bem, leve-o para casa.”

Claro, eles tomaram um par de bebidas no caminho e, então, eles chegaram ao hospital e papai teve uma discussão com o médico:

“Eu não queria vir ao barbeiro, danado”, disse (ele pensou, porque o médico estava vestido de branco, que seria um barbeiro!).

O médico examinou-o. Era um monte de machucados, nada mais.

“Certo, leve-o de volta ao trabalho.”

Ele deveria ter ido para casa mas eles saíram visitando os bares, no caminho.

“Eu vou voltar ao trabalho, agora. Estou bem.” – disse papai. A cerveja fez com que ele ficasse assim – ele queria voltar ao trabalho.”

A História oral pode também apresentar uma perspectiva diferente da família (e dar muito mais espaço a ela), ao trazer a evidência qualitativa como suporte. O método dos historiadores locais, no passado, foi mais genealógico – a identificação das origens da família, o traçado das árvores genealógicas. Mais recentemente, sob a influência dos especialistas em demografia histórica de Cambridge, o foco de atenção tem-se voltado para o tamanho do domicílio mas os relatos – apesar da importância dada à “reconstituição familiar” – permanecem obstinadamente externos. Nomes são extraídos de registros paroquiais, listas de censos quantificadas, mas pouco ou nada pode ser dito sobre economia domiciliar ou realidades emocionais da vida em família. A evidência oral torna possível um relatório bem mais fenomenológico. O questionamento sobre situações específicas – como aqueles usados no projeto de História Oral de Essex – irá revelar muito sobre a textura interna da vida domiciliar e permitirá ao historiador explorar os significados diferentes e mutantes que se ligam às noções de lar. Ao invés de tratar a família como uma unidade monolítica, é possível tratar de relações específicas – mãe-filha, pai-filho, assim como a relação marido-mulher. Crianças são, freqüentemente, deixadas totalmente de fora dos relatórios dos demógrafos, exceto como estatística: a freqüência de seus nascimentos e a idade média de seus casamentos são lembradas; há muito pouco, além disso. Num relatório de História oral da família, por outro lado – é tanto uma fraqueza como um ponto forte –, as crianças estão a ponto de ganhar, provavelmente, uma importância desproporcional apenas porque os informantes estarão puxando pela memória de seus anos de infância. Pela mesma razão, a mãe é destacada, em muitos casos, trabalhando excessivamente e subnutrida (numa situação econômica difícil da época edwardiana, ao pai, freqüentemente seria dada a parte do leão da comida disponível, enquanto as mulheres e as crianças ficavam com as sobras), mas também como gerente do orçamento familiar, estrategista e diretora e aumentando a autoridade à medida que suas crianças cresciam, enquanto a capacidade de ganhar uma renda, do marido, diminuía. Os padrões de vida podem ser examinados à luz do ciclo da vida familiar e das peculiaridades da economia domiciliar. Em vez de ver apenas a renda, o historiador pode investigar a administração de uma dívida, o que, numa família pobre (ou imprudente), poderia ser tão importante quanto o salário na luta diária pela sobrevivência. A renda em si, freqüentemente, aparecerá como um assunto de família e não como uma preocupação apenas do homem mais velho,

responsável pelo ganha-pão. Contas duplicadas, empregos secundários, catar lixo e trabalhar com contrabando são fatos que, freqüentemente, aparecerão na memória das pessoas e em mais nenhum lugar. O mesmo é verdade para as rendas das mulheres em casa – tão freqüentemente ignoradas nos censos – e para o trabalho da criança, que, nos anos 1890 e 1900, podia dar uma grande contribuição para o bem-estar da família, mesmo que, abaixo de uma certa idade, fosse proibido por lei.

A evidência oral é importante não apenas como uma fonte de informação mas também pelo que faz para o historiador, que entra no campo como um fiscal invisível. Pode ajudar a expor os silêncios e as deficiências da documentação escrita e revelar ao historiador – na frase fina de Tawney – o “tecido celular ressecado” que, quase sempre, é tudo o que tem em mãos. Serve como uma medida de autenticidade, um lembrete compulsório de que as categorias do historiador devem, afinal, corresponder ao feitio da experiência humana e serem constituídas por ela, caso elas tenham força explicativa. Dizer isso não é valorizar um tipo de evidência mais que outro mas propor uma interação contínua entre os dois e um uso mais extenso deles. A evidência oral deve deixar o historiador mais faminto por documentos, e não menos; e quando ele os achar, poderá usá-los de uma maneira mais ampla e mais variada do que seus colegas sedentários, que se confinam numa mesa da biblioteca ou na sala de pesquisa do arquivo. Ele precisará dos documentos para indicações de coisas que estão além do alcance da memória, para datas onde possam haver erros e para precisões que não poderá ou não irá conseguir com evidência oral. Ele precisará dos documentos para enriquecer e informar seu questionamento, para permitir aos mortos falarem aos vivos e, aos vivos, falarem dos mortos. Acima de tudo, ele precisará deles para estabelecer as dimensões e peculiaridades da mudança, para não ficar preso cronologicamente ao acontecido durante a vida dos seus informantes mais idosos.

A História local não se escreve por si mesma, mas, como qualquer outro tipo de projeto histórico, depende da natureza da evidência e do modo como é lida. Tudo pode variar, desde a escolha do tema até o conteúdo dos parágrafos individuais. Toda a forma do trabalho pode ser determinada antes pela adoção de um método particular – reconstituição familiar, por exemplo, ou a derivação da “estrutura social” dos relatórios dos recenseadores. As perguntas com que o historiador começa, em grande parte, determinarão as respostas. Mulheres e crianças aparecerão apenas se o historiador tiver interesse, trabalho doméstico, se o historiador perguntar sobre ele, disputas familiares, se ele estiver alerta para seus indicadores. Documentos são também decisivos como uma fonte não reconhecida de abordagem, especialmente, quando o historiador depende de uma fonte única e principal:

you can get a portrait of life, in local newspapers, different from the report obtained in the archives of the neighborhood; and, of the tribunal of small causes, different from the report of the police reports. Frequently, there is a crucial evidence for what the historian wants to write and it would be better to accept the fact and point it out to the readers than to present a partial picture as if it were the whole. Whatever the limits of the material, the historian will still have a wide variety of perspectives. The landscape, for example, will have different shades, depending on whether it is appreciated from the aspect of activities or from the aspect of ruins; the social system will appear transparent or opaque according to the materials with which it is reconstituted and the angle from which it is viewed. Frequently, when the field of vision is narrowed, it will reach exactness or, by expanding it, it will reach perspective, and the historian should recognize and warn the reader of the loss that, inevitably, accompanies any of the benefits.

Documents, as I have tried to argue in this article, are the most variable of all. Their survival is exposed to risks and inequalities and more is preserved of bureaucratic and financial documentation. The notes of doctors are a great rarity (there is a good collection in the public library of Stockport) while the *Board of Guardians* annals are abundant. A local history project, however, can generate its own archives and sources, just as it can use those that have already been deposited or aggregated in public archives, and the historian, even if he does not intend to, will, in a short time, find himself as a guardian of all types of miscellanea. Documents will appear in local places more unlikely, once you start to look for them, and the historian who ventures outside the library can use all types of other evidence. He will have privileged access to information networks that depend on friendship and the spoken word, to unclassified sources that are kept as personal reserves and to men and women who are living documents, witnesses of the past. He can add, to the written word, the spoken word, and invoke visual evidence of the environment, the iconography and domestic ruins. The factor of chance, in local history, can never be eliminated but, for recent times, at least, it can be substantially reduced.

It would be a great pity if oral history were fetishized, like demographic history, as a project in itself. There are certain types of research that can only be carried out with oral evidence and there are others in which its contribution is only marginal. The oral historian can just as easily get stuck in the routine of methodological circularities as a local history based only on oral evidence, which runs the risk of being routinized – and radically incomplete – as a history that depends on the parish archive, even if it is repeated

diferentes. Carregaria também seus próprios vieses característicos. Ao lembrar seu passado, as pessoas, freqüentemente, terão muito mais o que falar sobre a vida caseira do que sobre política, sobre hábitos e costumes do que ocorrências e acontecimentos individuais (memórias da Greve Geral, infelizmente, costumam ser superficiais, enquanto os jogos de crianças podem encher páginas de uma transcrição). A memória tem sua própria seletividade e seus silêncios, assim como o relato escrito tem seus vieses burocráticos e vazios irrecuperáveis. Pode ser forte, em linhas gerais, mas inconstante quando refere-se a fatos; reservada em alguma área de experiência enquanto, em outras, é inesperadamente explosiva. Não pode nos dizer como a realidade foi percebida na época, mesmo quando pode ser evocada nos mínimos detalhes; e é fácil demais abrandar as dificuldades no arrebol momo da nostalgia. Os fios da consciência são particularmente difíceis de desembaraçar porque atitudes do passado e do presente facilmente se emaranham. Assim como em tudo, o historiador deve estar alerta à natureza da evidência apresentada; se está sendo recontada em primeira, segunda ou terceira mão, se são boatos e mexericos ou se é o testemunho de uma experiência diretamente pessoal, ou o "folclore" polido pela repetição freqüente, e elaborado pelas artes dos contadores de estórias, ou ainda, a revelação surpreendente de incidentes e acontecimentos há muito tempo enterrados no inconsciente. O valor dos testemunhos depende do que o historiador lhes traz, assim como aquilo que ele leva, da precisão das perguntas e do contexto mais extenso de conhecimento e entendimento do qual elas derivam. O relato vivo do passado deve ser tratado com respeito, mas também com crítica; como o morto.

LEITURA ADICIONAL

- W.B. Stephens, *Sources for English Local History*, Manchester Univ. Press, 1973. (Uma coleção de primeira classe, útil não só para História local, como também para muitos outros temas.)
- W.E. Tate, *The Parish Chest, A study of the Records of Paroquial Administration in England*, Cambridge Univ. Press, 1946. (Extratos longos e abundantes documentos fazem deste um bom livro didático, assim como um guia indispensável.)
- H.M.S.O., *Record Repositories in Great Britain* (revisado periodicamente; inclui as coleções nacionais e locais mais acessíveis).
- J.B. Harley, *Maps for the local historian, A guide to the British Sources*, 90 p da Standing Conference for Local History, 26 Bedford Sq., Londres W.C.L. (mapas municipais, plantas de fazendas, documentos de impostos e cercamentos junto com uma bibliografia completa).

Field archaeology, notes for beginners, issued by the Ordnance Survey, H.M.S.O., 1963.

E.A. Wrigley (org.), *Nineteenth-century society, Essays in the use of quantitative study of social data*, Cambridge Univ. Press, 1972 (Estudos críticos dos retornos dos Recenseadores e um capítulo muito útil sobre estatística criminal).

D.R.Mills, "English Villages in the eighteenth and nineteenth century: a sociological classification", *Amateur Historian*, 1965 (vilas "fechadas" e "abertas").

F.W. Steer, "Probate inventories", *History*, 1962. (Para um uso lúcido desta fonte, W.G. Hoskins "the rebuilding of rural England, 1540-1640" em *Provincial England*, Londres, 1965.)

R.W. Brunskill. *Illustrated handbook of vernacular architecture*, Londres 1970. (Um dos poucos livros sobre arquitetura que foge das igrejas Anglicanas e das casas de campo.)

Vanessa Parker, *The English House in the Nineteenth Century*, Historical Association, 1970.

G. Hoskins, *Fieldwork in Local History*, Londres, 1969.

F.G. Emmison e Irvine Gray, *County Records*, Historical Association, 1961.

F.G. Emmison, *Archives and local history*, Londres, 1966.

Abordagens da História local

Trabalhos mais antigos

Richard Gough, *Human Nature displayed in the history of Myddle*, (uma descrição muito detalhada de famílias locais; um relatório de História local do seu tempo, escrito em 1700, originalmente publicado pelo Sr. Thomas Philips em 1834, republicado com uma introdução de W.G. Hoskins, 1968).

John Travis, *Notes historical and biographical mainly about Todmorden and district*, Rochdale, 1896. (Como o trabalho de Gough, é uma compilação da história da família local; muito ampla e, às vezes, escandalosa. É o melhor exemplo novecentista, com que já deparei, de uma tradição minoritária e negligenciada da História local: o guia de mexericos das pessoas locais.)

George Herbert, *Shoemaker's Window*, Oxford, 1948 (autobiografia postumamente publicada, incluindo uma reconstituição, casa por casa, do Banbury dos artesãos e comerciantes nos anos 1830).

Peter Mackenzie, *Reminiscences of Glasgow and the West of Scotland*, 3 vols., Glasgow, 1855-6. (Menos compreensível do que Travis, mas cheio de detalhes biográficos contemporâneos.)

Frank Peel, *The Rising of the Luddites* (1888); *Spen Valley, past and present* (1893) (Histórias locais incorporando uma rica tradição oral de uma das partes mais revolucionárias do início do século XIX na Inglaterra).

J.C. Cox, *How to Write the History of a Parish*. (Obra clássica das mais antigas, originalmente publicada em 1879.)

R.B. Pugh, *How to Write a Parish History*, Allen e Unwin, 1954.
(Uma revisão do trabalho de Cox por um dos editores de *Victoria County History*.)

Joan Wake, *How to Compile a History of Present Day Village Life*, 1925. (Um livro especulador interessante, que modelou as histórias locais do Women's Institute publicadas entre as guerras. Marca um ruptura na velha tradição paroquial).

Frederick Boase, *Modern English Biography*, reeditado por Cass, 1956 (Biografias de figuras locais do século XIX).

Reginald L. Hine, *Relics of an Un-Common Attorney*, Londres, 1946. (Uma autobiografia atraente do historiador de Hitchin que transmite muito bem os prazeres de um antiquário.)

Trabalhos Recentes

H.P.R. Finberg, *The Local Historian and his theme*, Leicester, 1953. (Aula inaugural de um dos fundadores da escola de Leicester.)

W.G. Hoskins, *The Making of the English Landscape*, Penguin, 1968.

W.G. Hoskins, *Local History in England*, Londres, 1972.

H.J. Dyos (org.), *The Study of urban History*, Londres, 1968.

Alan Rogers, *This was their world, approaches to local history*, Londres, 1972.

Alan Everitt, *New avenues in English local history*, Leicester, 1970.

Margaret Spufford, *Contrasting Communities*, Cambridge Univ. Press, 1974.

Periódicos

The Local Historian (antes, *The Amateur Historian*), trimestral, £ 1.50 por ano, de 26 Bedford Square, Londres W.C.1.

Urban History Yearbook, £3 por ano de Leicester Univ. Press.

Urban History Newsletter, £1 por ano de H.J., Dyos, the University, Leicester.

Journal of Historical Geography, trimestral, £7.30 da Academic Press, 24-8 Oval Road, Londres, N.W.1.

Journal of the society of Archivists, trimestral.

Notes and Queries (a revista dos antiquários, publicado desde 1849).

Oral History, a revista da Oral History Society, duas vezes por ano £2.00 do Departamento de Sociologia, University of Essex, Wivenhoe, Colchester.

Garden History, a revista da Garden History Society, £1 por ano de Mavis Batey, 12 Charlbury Road, Oxford.

Visual History (antes *Things*); irregular, Museum of Labour History, Limehouse, Londres, E. 14

Panfletos Recentes

Uma lista de panfletos, predominantemente autobiográficos, publicados pelos grupos de História oral e ação comunitária. Gostaríamos de manter esta lista em dia; se você tem novos títulos, por favor, mande-os para "Noticeboard" (History Workshop).

Lifetime, a group autobiography. Dois cadernos, os primeiros numa série de doze, "no qual um grupo de trabalhadores relata suas vidas num subúrbio de Manchester". 25 p cada, incluindo franquia postal do Institute of Advanced Studies, Manchester Polytechnic, Hilton Street, Manchester, Lancashire.

Piano and Herrings, autobiografia de um ferroviário de Wolverton, de Bill Elliott. 50 p mais franquia postal do People's Press of Milton Keynes, 53 Cambridge Street, Wolverton, Milton Keynes, Bucks.

Do you remember, some Rochdale people look back to the turn of the century. 45 p mais franquia postal de Rochdale Living History Workshop, Rochdale College of Adult education, Rochdale, Lancs.

Poverty, hardship but happiness, de Albert Paul. 25 p mais 15 p de franquia postal do grupo de ação comunitária de Queen's Park, 14 Toronto Terrace, Brighton, Sussex.

- Ain't it grand* de Jim Wolveridge; *A history of Victoria Park*, de Charles Poulson; ambos no prelo, a serem publicados por Stepney Books, 196 Cable Street, Londres E.1.
- The Street*, de Harry Walters. Memórias de Popham Street, Islington, publicado pelo Centreprise com o Islington Community Bus Company.
- Some Elmdon Families*, de Audrey Richards e Jean Robin publicado pelos autores; Crawley Cottage, Elmdon, Saffron Walden, Essex.
- Broadsheet*, transcrição de entrevistas publicadas pelo grupo de W.E.A. West Oxfordshire Oral History, de ed. Coker, Rewley House, Wellington Square, Oxford.
- Within Living Memory, a collection of Norfolk reminiscences*, 50 p de Norfolk Fed. of Women's Institute, 45 All Saints Green, Norwich.
- Mrs. Alford Remember, Twickenham in the 1880s*, 25 p de Twickenham Local History Soc., 50 Park House Gardens, Twickenham, Middlesex.
- The Town Bee-hive. A young girl's lot in Brighton, 1910-1934*, Daisy Noakes. 30 p de 14 Toronto Terrace, Brighton.
- People's Autobiography of Hackney*, publicado pelo Centreprise, 136 Kingsland High St. E8.
- Years of Change*, de Arthur Newton, 50 p brochura, 72 páginas, 10 p franquia postal. A autobiografia de um sapateiro de Hackney pelos anos de 1900 a 1965.
- The Threepenny Doctor: Dr. Jelley de Hackney*, 20 p brochura, 28 páginas, 10 de franquia postal. Uma coleção de histórias sobre este conhecido doutor de Hackney, cuja atenção médica aos pobres e comportamento esquisito são capturados nestas lembranças de 14 velhos, transcritas de fitas.
- A Licence to Live. Cenas de uma vida de trabalho, pós-guerra, em Hackney*, por Ron Barnes. 50 p brochura, 76 páginas, 10 p franquia postal. A autobiografia de um motorista de táxi local, de suas primeiras memórias da infância e migração, através de 37 empregos até seu presente trabalho.
- A Hackney Camera 1883-1918*. 75 p brochura, 60 páginas, 15 p franquia postal. Uma coleção de velhas fotografias de Hackney, muitas delas recolhidas como resultado de um apelo público. Fotografias de pessoas, locais e eventos.
- A Second Look*. 95 p brochura, 108 páginas, 20 p franquia postal. Um relato fotográfico de um passeio por Hackney nos anos de 1890 com seus equivalentes contemporâneos.
- Working Lives*. Transcrições e autobiografias do trabalho em Hackney, 1910-1976. 85 p.